doispontos:
Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos

As mulheres podem ser virtuosas! Christine de Pizan e a Fundação da *Querelle des Femmes*[1]

Women Can Be Virtuous! Christine de Pizan and the Foundations of the *Querelle des Femmes*

Flávia Benevenuto[2]
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
flavia.benevenuto@ichca.ufal.br

Resumo: Pretende-se examinar a obra *A Cidade das Damas* (1405), de Christine de Pizan, destacando seu papel fundador na *Querelle des Femmes*. Parte-se da tese central da autora segundo a qual as mulheres não são naturalmente más, inferiores ou inclinadas ao vício, mas plenamente capazes de virtude. Por meio de uma estratégia argumentativa cuidadosa, que dialoga criticamente com a tradição misógina e com o senso comum, Pizan desloca o debate da natureza para a ação, mostrando que a virtude resulta da prática e não do sexo. Ao mobilizar a experiência, figuras alegóricas e exemplos históricos de mulheres virtuosas, a autora desmonta a associação entre fragilidade corporal, inferioridade moral e incapacidade intelectual. O texto enfatiza ainda a centralidade da educação na argumentação pizaniana, evidenciando que a exclusão feminina do saber é uma construção social e cultural. Desse modo, Pizan inaugura uma tradição crítica duradoura que fundamenta a defesa das mulheres no exercício pleno de suas faculdades, sejam elas morais, intelectuais ou políticas, em que estabelece sua autoridade para pensar e sua liberdade para agir.

Palavras-chave: Christine de Pizan; virtude; *Cidade das Damas*; *Querelle des Femmes*; educação; mulheres na filosofia.

[1] Este trabalho é resultado de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (Projeto Universal - Processo: 420776/2023). Agradeço a Bruna Ribeiro Martins pela leitura atenta e pelas valiosas sugestões, bem como às colegas do grupo de estudos *Mulheres na Filosofia do Renascimento*, linha de pesquisa do GEFP/UFAL, pelos debates rigorosos e profícuos desenvolvidos ao longo dos últimos anos, que contribuíram de maneira decisiva para o amadurecimento das reflexões apresentadas neste trabalho. Agradeço também à organização do presente dossiê pelo diálogo aberto via pareceristas, que muito contribuiu para o aprimoramento desse artigo.

2 Professora do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS. Doutora em Filosofia UFMG, com estágio de doutoramento (doutorado sanduíche) pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS–Paris, 2008-2009). Pós-Doutorado em Filosofia pela USP (2013) e pela UFMG (2022). Atualmente, é membro de sustentação do Grupo de Trabalho: Ética e Filosofia Política do Renascimento da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia –ANPOF. Coordena o Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da UFAL.

Abstract: This article examines Christine de Pizan's *The Book of the City of Ladies* (1405), highlighting its foundational role in the *Querelle des Femmes*. It starts from the author's central claim that women are not naturally evil, inferior, or inclined to vice, but are fully capable of virtue. Through a carefully crafted argumentative strategy that critically engages both the misogynistic tradition and common opinion, Pizan shifts the debate from nature to action, showing that virtue results from practice rather than from sex. By mobilizing experience, allegorical figures, and historical examples of virtuous women, she dismantles the association between bodily fragility, moral inferiority, and intellectual incapacity. The article also emphasizes the centrality of education in Pizan's argument, demonstrating that women's exclusion from knowledge is a social and cultural construction. In this way, Pizan inaugurates a lasting critical tradition that grounds the defense of women in the full exercise of their moral, intellectual, and political faculties, thereby establishing their authority to think and their freedom to act.

Keywords: Christine de Pizan; virtue; The City of Ladies; Querelle des Femmes; education; women in philosophy.

Recebido em 28 de janeiro de 2026. Aceito em 30 de maio de 2026.

doispontos**:**, Curitiba, São Carlos, vol. 23, n. 1, p. 17-29, ago. de 2026 / ISSN: 2179-7412
DOI: 10.5380/dp.v23i1.103174

Desde suas primeiras páginas, Christine de Pizan[3] (1363-1430) enuncia com clareza o objetivo que orienta sua obra: defender as mulheres virtuosas. De forma aparentemente despretensiosa, ao buscar um livro no intuito de deleitar-se com a leitura, depara-se com as *Lamentações* de Mateolo e frustra-se com a forma como as mulheres são retratadas. Esse foi o ponto de partida para um questionamento mais profundo: "perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e condenar suas condutas com palavras, tratados e escritos" (PIZAN, 2012, p. 58). Pizan sabe que essa percepção que se tinha das mulheres não era imputada por um ou dois, mas um preconceito construído e reiterado ao longo do tempo a ponto de se consolidar como crença naturalizada, enrijecida, fechada à crítica. De acordo com ela, "filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é má e inclinada ao vício" (PIZAN, 2012, 58-59). Essa voz uníssona, calcada em um discurso considerado racional, filosófico e científico configurava-se um obstáculo intransponível a qualquer mulher que quisesse ousar deixar o lugar de submissão e inferioridade a ela imposto. É justamente nesse terreno saturado de autoridade masculina que Pizan precisa atuar, ou seja, em um contexto que atravessava séculos de tradição intelectual e que atribuía às mulheres uma tendência natural ao vício, à desordem e à irracionalidade.

A tese que Pizan se propõe a defender é radicalmente oposta à da tradição e, por isso mesmo, demanda da autora estratégias a serem arquitetadas de forma diligente. Ela escreve na tentativa de mostrar que *as mulheres não são naturalmente más e inclinadas ao vício*. Nesse sentido ela intervém procurando demonstrar que não existe fundamento natural ou metafísico para se afirmar que as mulheres seriam, por essência, inclinadas ao mal. Em outras palavras, ela contesta francamente a perspectiva, bastante comum em seu tempo, de que a natureza da mulher é má. Para tal, já nos capítulos iniciais da obra, o texto assume uma feição mais diretamente apologética, pois a autora precisa responder àquela que era, desde a Antiguidade, uma acusação reiterada: a suposta natureza das mulheres que as constituem más e inclinadas ao vício. É nesse contexto de oposição radical que Pizan recorre à tríade das Damas – Razão, Retidão e Justiça – como mediadoras que instruem a personagem Christine, manifestando nesta construção textual o que a própria autora teria dificuldade de afirmar sem tal artifício, acerca da verdadeira natureza da mulher. Essa é a estratégia inicial de Pizan para ousar insinuar o que não podia ser dito. Por via de divindades textuais que metaforicamente vão construindo uma cidade segura para as damas, ela materializa sua defesa das mulheres, iniciando pela afirmação de que elas podem sim ser virtuosas.

Partindo desse primeiro passo transgressor de Pizan, objetiva-se percorrer minimamente os caminhos que a levaram a reconhecer e apresentar as virtudes das mulheres. Pretende-se aqui mostrar como a autora constrói, ao longo da *Cidade das Damas* (1405), sua estratégia argumentativa para defender as mulheres dos ataques misóginos a que estavam expostas tendo em vista consolidar seu objetivo de evidenciar que as mulheres não são necessariamente más e inclinadas ao vício. As mulheres podem ser virtuosas! Mais que isso, suas virtudes podem contribuir em diversos âmbitos da cidade. Seguindo os caminhos da reflexão que o evidenciam, pretende-se ainda mostrar como Pizan, ao partir da imagem da construção de uma cidade que seria uma fortaleza para as mulheres virtuosas, acaba por inaugurar uma *disputa* – para usarmos a terminologia em língua portuguesa conforme estabelecida por Bruna Ribeiro Martins (MARTINS, 2025, p. 4) – com aqueles que atacavam as mulheres, percebendo-as como grupo marcado pela natureza má, pela debilidade do corpo e inferioridade moral e intelectual. Cabe evidenciar a relevância dessa construção argumentativa para o que se passou a chamar de *querelle des femmes,* que tem no texto de Pizan seu marco fundacional e decisivo para que séculos mais tarde, a partir do reconhecimento das virtudes, e consequentemente da dignidade, se pudesse reivindicar direitos para as mulheres.

[3] Apesar de ter crescido na corte francesa, Pizan nasceu em Veneza e foi educada por seu pai, Tommaso de Pizzano, que se mudou para a França para trabalhar como astrólogo do rei Carlos V. Sobre a vida de Pizan, ver o verbete "Christine de Pizan", escrito por Anna Rieger Schmidt.

Ao dedicar-se a escrever *A Cidade das Damas,* Christine de Pizan elabora uma defesa das mulheres que se constrói a partir de um procedimento discursivo cuidadosamente graduado. A autora parte de categorias morais amplamente reconhecidas pelo senso comum de seu tempo, no contexto do humanismo renascentista[4], mobilizando-as como ponto de apoio para um deslocamento progressivo do campo semântico da construção de um discurso em defesa das mulheres. Tal estratégia revela não apenas prudência retórica, mas também uma compreensão aguda das condições históricas de recepção de seu texto. O estado inicial de crise intelectual vivido pela narradora, provocado pela leitura reiterada e inescapável de obras misóginas, desempenha um papel central nesse movimento. Essa crise não é apresentada como uma fragilidade pessoal, mas como um efeito estrutural de um discurso erudito que se pretende universal e autorizado. Ao dar voz a essa perplexidade, Pizan torna visível o caráter construído (e, portanto, contestável) das representações negativas das mulheres. Nesse estágio inicial, a possibilidade de as mulheres serem virtuosas aparece negada pelas autoridades tradicionais que as caluniavam por meio de generalizações vagas, em que a condição moral é reduzida a uma natureza necessariamente má e inferior.

O primeiro passo para contestar a natureza viciosa das mulheres veio da experiência:

> Eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. (PIZAN, 2012, p. 59)

A estratégia argumentativa elaborada pela autora introduz sua crítica através da experiência. Da maneira como ela é apresentada no texto se faz pertinente ao mesmo tempo em que negocia com a tradição que a ignora. Nesse sentido, o texto expõe a dificuldade de uma mulher em aceitar sua própria experiência que, inevitavelmente, confronta uma longa tradição misógina. Essa dificuldade da narradora diante dessa tradição, assim como a resistência da autora que convoca a própria experiência como autoridade, dão o tom do percurso, que é lento e precisa dar conta da construção de um discurso eficaz que consolide o que foi constatado pela experiência. Essa construção argumentativa cautelosa parece negociar com o leitor ou leitora mais apegado à tradição misógina. Levá-los a uma investigação mais profunda implicava ultrapassar uma barreira importante, principalmente porque a investigação, de fato, não levaria a nada que pudesse se aproximar minimamente da *conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício*. Constatação entendida como definitiva nos textos de tantos homens ilustres. A radicalidade da discordância a ser construída pela filósofa começa então a ser formulada gradativamente: "mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres" (PIZAN, 2012, p. 59). Essa conclusão é significativa, porém a autora sabe que afirmá-lo não é suficiente. Como se opor à toda uma tradição ancorada em autoridades como Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino? Esses três são apenas uma pequena amostra, mas figuram como autoridades nas quais se apoiavam filósofos, clérigos, moralistas, intelectuais e escritores dos mais variados gêneros. Como se opor à toda tradição intelectual edificada até então?

A estratégia desenvolvida por Pizan é complexa e parte de um movimento catártico em que a narradora, Christine, duvida de si mesma e se vê sufocada pelos pensamentos que lhe vinham à mente enquanto considerava verdadeiras as afirmações misóginas que vinham de todas as áreas do conhecimento: "era impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres (Pizan, 2012, p. 59). Além da quantidade de textos a narradora se vê impressionada com a quantidade de autores que moviam suas penas no sentido de maldizerem as mulheres: "fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar

[4] Assumimos aqui a datação proposta por Margaret King, que em seu livro *Women of the Renaissance*, compreende o período entre 1350 e 1650 para trarar as mulheres no Renascimento.

do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres" (Pizan, 2012, p. 59). A narradora titubeia mesmo discordando das afirmações misóginas por seu próprio intelecto e experiência. A tensão se intensifica quando ela separa seu próprio julgamento do alheio: "desse modo, eu estava me baseando mais no julgamento de outrem do que no que eu mesma acreditava e conhecia" (Pizan, 2012, p. 59). Sob essa tensão a narradora se vê sozinha diante de tantas autoridades que, em uma vastidão de vozes e da repetição de afirmações misóginas justificadas das mais diversas maneiras, enebriam a personagem que parece se afundar na aflição de uma confusão mental: "à mente, vinha-me um número considerável de autores e, como uma fonte jorrando, ia reexaminando-os um a um. No final cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil" (PIZAN, 2012, p. 60). A conclusão, devastadora, parece pôr fim ao embate que a narradora travava consigo mesma.

No entanto, tal conclusão traz um problema clássico, que é um ponto de virada na argumentação de Pizan: se Deus é bom e tudo que emana dele é bondade, ele não poderia ter criado o mal. Desse modo, a narradora se vê diante de um absurdo, pois, se a natureza da mulher foi criada por Deus, conforme a natureza Divina, ela não pode ser vil. A estratégia de Pizan, de conduzir a crise vivenciada pela personagem ao problema do mal, devolve confiança à personagem que se via esmorecendo diante de suas próprias certezas para sobrepor o julgamento dos outros ao seu. Ao mesmo tempo em que apresenta um argumento eclesiástico, Pizan o faz de modo a conferir autoridade à personagem que ameaçava abandonar a experiência como critério de auto validação. Assumindo características próprias de uma autora humanista, Pizan se apropria da experiencia como fonte sólida para o conhecimento ao mesmo tempo em que se vale de um discurso fundado na tradição eclesiástica. Sua escrita, embora se valha de argumentos próprios da teoria cristã não assume o peso do dogmatismo, de modo que Pizan parece se valer deles enquanto crenças contemporâneas. Desse modo, ela parte de um discurso eclesiástico ao mesmo tempo em que forja sua construção argumentativa por uma via secular, atitude tipicamente renascentista. Seu trabalho, no entanto, assume contornos distintos dos pensadores homens de seu tempo. Uma vez que seu objetivo é defender as mulheres ela precisa se distanciar do cânone que as ataca (tanto do eclesiástico como do secular) e forjar seu próprio percurso argumentativo. Desse modo, a partir da experiência, Pizan se autoriza a pensar as mulheres de uma perspectiva própria, independente daquela construída pelo cânone filosófico e consolidado enquanto elemento constitutivo do senso comum ao longo dos séculos.

Mesmo quando estabelece diálogo com a tradição misógina Pizan o faz de modo a *torcer* argumentos de autores reconhecidamente misóginos para usá-los em defesa das mulheres. É o caso do uso que a autora faz do problema do mal. Embora a passagem formulada pela autora não explicite o argumento agostiniano, ao suscitar uma formulação próxima a do problema do mal ela conduz seu leitor mais atento a um argumento clássico e bastante sólido. No entanto, ela faz um autor abertamente misógino poder, pela sua pena, oferecer pistas de um uso da teologia para fins feministas,[5] no caso, para a defesa das mulheres. Trata-se de fazer uso de elementos de uma tradição consolidada para discordar dessa mesma tradição naquilo que assinala que a mulher é naturalmente má e inclinada ao vício e, consequentemente, inferior em termos morais e intelectuais. Assim, Pizan, pouco a pouco, forja um discurso que faz da mulher um par ao homem, igual em condição e responsabilidade.

No intuito de consolidar sua estratégia Pizan dá mais um passo no sentido de autorizar sua discordância em relação à tradição misógina. A autora elabora uma construção argumentativa que passa pela intervenção

[5] O texto de Joan Kelly viabiliza essa interpretação. A partir de seu texto é possível considerar Pizan como uma autora que inaugura outra tradição que, em seus termos, pode ser chamada de tradição feminista. De acordo com ela, "a teorização feminista surgiu no século XV, em estreita associação com – e em reação à – nova cultura secular do Estado moderno europeu. Ela emergiu como a voz de mulheres letradas que se percebiam, a si mesmas e a todas as mulheres, difamadas e submetidas a novas formas de opressão por essa cultura, mas que, ao mesmo tempo, eram por ela capacitadas a se manifestar em sua própria defesa" (KELLY, 1982, p. 5).

das figuras alegóricas de Razão, Retidão e Justiça. As Damas se apresentam como enviadas pela providência divina e, consequentemente, a forma que apresentam as virtudes femininas é derivada e associada às virtudes cristãs. No entanto, a relação estabelecida entre as damas e a personagem não é de pura adoração. Elas estabelecem um diálogo que permite à narradora externar seus conflitos internos que expunham as contradições de suas convicções. Pouco a pouco o texto revela que tais figuras são mais que alegorias, são características da própria narradora que vem em seu auxílio. É sua razão, sua retidão e sua justiça que lhe socorrem. Ou seja, aos poucos o texto revela que a narradora – e, consequentemente, a autora – já tem dentro de si tudo de que precisa para responder à estrutura misógina que a enfraquece. Isso se explicita pela incompatibilidade entre o que a narradora vivia na sua experiência enquanto mulher e o que era dito a seu respeito pelas autoridades tradicionais estabelecidas. É nessa busca interna que a Razão vem em seu auxílio e desempenha a função de reordenar o campo do discurso, mostrando que os argumentos misóginos repousam sobre generalizações indevidas, leituras parciais e interpretações interessadas da tradição textual. Em um primeiro momento as virtudes das mulheres são reconhecidas nas suas manifestações mais cotidianas, tal como dadas pelo senso comum e em convergência com a tradição eclesiástica. Virtudes que, no interior dessa tradição, se manifestam na disposição da alma, na conformidade com a ordem divina e em práticas que podem ser nomeadas como *humildade, paciência, castidade e piedade*.

Uma vez que a narradora se reconhece sob o auxílio da Razão, Retidão e Justiça, o desespero cede lugar à esperança. Os questionamentos antes feitos a Deus e que pareciam insolúveis ganham, a partir de então, a possibilidade de se tornarem problemas a serem enfrentados. Problemas, de fato, muito difíceis, mas, não mais impossíveis. As respostas aos seus próprios questionamentos podem ser elaboradas pela Razão (assim como pela Retidão e pela Justiça). Desse modo, a sequência do texto introduz o leitor ao percurso argumentativo que pretende contestar a voz uníssona e, incontornavelmente masculina, que ataca a natureza das mulheres, nos traz alguns elementos importantes sobre as virtudes das mulheres. Ao apontar e repreender os homens que maldizem as mulheres por terem caído na luxúria o texto explicita que a luxúria é um vício e que tanto homens quanto mulheres podem praticar ações viciosas. Ao fazê-lo, no entanto, Pizan parece negociar com a tradição misógina. De acordo com ela, "não há, aliás, nada nesse mundo daqui de baixo de que se deva fugir mais para dizer a estrita verdade, do que a mulher de vida depravada e perversa. É uma coisa monstruosa, uma fraude, pois a própria natureza da mulher consiste em ser *simples, comportada e honesta*" (PIZAN, 2012, p. 75, grifos nossos). Simples e comportada são características de uma mulher submissa, de uma mulher em um lugar de rebaixamento (assim como as virtudes supracitadas: *humildade, paciência, castidade e piedade*). Apesar de serem virtudes comumente associadas ao cerceamento e subjugação das mulheres, Pizan também disputa esse campo, ao invés de reconhecê-lo como terreno vencido. Ela se vale de lugares comuns da violência simbólica para reverter o sentido atribuído a eles, fazendo com que mesmo as atitudes consideradas adequadas à tradição misógina recebam uma nova atenção e dignidade públicas, como lugares ativos (e não passivos) de exercício de funções a que se deve respeito e prestígio.

Pizan precisa lidar com a maneira com que o senso comum percebe as mulheres que, por sua vez reproduz a tradição misógina. Ela parece negociar com valores de um senso comum que valoriza a mulher submissa, posta em um lugar de controle, em um lugar de cerceamento. Sua construção argumentativa pode ser compreendida pela necessidade de negociar com essas imagens. Ao mesmo tempo em que a resposta da Dama Razão parece conduzir o leitor ao moralismo, estigmatizando a prostituição, ela critica a generalização e pensa o vício a partir da ação que foi praticada. Nem todas as mulheres são luxuriosas, há mulheres sóbrias. Além disso, luxúria está associada a um comportamento e não a um grupo, ela não pode estar associada a mulheres, mas a quem se comporta com excessos. Portanto, o vício não pode ser associado ao que é feminino (nem ao que é masculino) e sim a cada uma das mulheres ou a cada um dos homens que pratica a ação viciosa. A luxúria, desse modo, pode ser o resultado de ações praticadas por homens e de ações praticadas por mulheres. Pizan tensiona esses lugares comuns da crítica às mulheres

abrindo prerrogativas para uma discussão significativa dos papéis e lugares de homens e mulheres em seu tempo. Esse movimento vai, aos poucos, desmobilizando associações de ordem natural para tratar de associações que são, de fato, circunstanciais.

Os ataques às mulheres não são somente de ordem moral. Na verdade, os ataques mais comuns dizem respeito ao corpo feminino, apresentado como fraco, débil e imperfeito pelos escritores. A defesa do corpo feminino, tal como já se pode prever pelo que foi afirmado anteriormente, segue a linha argumentativa de que a natureza é perfeita. O corpo feminino, tendo sido criado por Deus, é naturalmente perfeito. Ainda que Pizan afirme que o corpo feminino é naturalmente mais fraco, não há nele debilidade nem vício natural. Isso é importante porque, mais adiante, o texto conduz ao argumento ciceroniano que expõe a inferioridade das mulheres. A resposta da Razão é direta e vai precisamente ao encontro da virtude: "o maior é aquele ou aquela que tem mais méritos. A excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes" (PIZAN, 2012, p. 82). As diferenças relacionadas aos corpos de homens e mulheres parecem ser o pressuposto da afirmação de Cícero, rebatido imediatamente pelo mérito dos costumes e virtudes.

É importante notar que Cícero é um dos autores antigos mais recuperados no período do Renascimento e seu *Tratados dos Deveres* provavelmente um dos livros mais lidos a partir desse período. Ao retomá-lo Pizan dialoga com um autor Romano, portanto pagão, inserido em um sistema moral anterior e distinto dos do tempo da autora. Apesar disso o texto de Pizan revela que o autor latino suscita valores similares aos cristãos no que diz respeito às mulheres, demonstrado que a misoginia é igualmente marca da tradição, seja ela latina, cristã ou humanista[6]. Para responder aos ataques do autor latino a resposta da autora conduz seu leitor a confrontar Cícero com sua obra, sobrepondo ação moral a algo inato. Ao final, ainda se opondo a Cícero, Pizan avança no sentido de explicitar as virtudes das mulheres. De acordo com ela, "não há nada mais agradável de se ver que uma mulher *excelente*, *honesta* e *de conduta irrepreensível*" (PIZAN, 2012, p. 83, grifos nossos). Menciona ainda "o medo de agir mal", assim como outras virtudes como o "recato e a temperança que lhe são próprios e que a protegem" (PIZAN, 2012, p. 83). Tais virtudes parecem se manifestar em uma ampliação das virtudes passíveis de serem reconhecidas pelo senso comum. Aqui, virtudes associadas à castidade e a um lugar de controle das mulheres ganham, na argumentação da autora, um adjetivo novo e importante: as mulheres podem ser excelentes.

Desse modo, ao reconhecer as virtudes das mulheres e afirmar que elas podem ser excelentes a autora circunscreve-as no mesmo lugar dos homens no que diz respeito às suas virtudes potenciais. O golpe mestre ao discurso que assume a fragilidade do corpo feminino como pressuposto de fraqueza moral e intelectual, ou seja, que assume a inferioridade das mulheres, tal como fez Cícero, parece se impor quando as diferenças relacionadas aos corpos de homens e mulheres são mitigadas pela igualdade constitutiva de suas almas. De acordo com Pizan, "trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus. E, essa alma, Deus a criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem" (PIZAN, 2012, p. 84). Ora, se a alma de homens e mulheres é idêntica, não há como sustentar que a fragilidade do corpo pudesse ter por consequência a fragilidade moral ou intelectual. Desse modo, assumir almas idênticas impossibilita pensar que as diferenças corporais impliquem em inferioridade. Homens e mulheres possuem corpos diferentes. A diferença, no entanto, não implica em inferiorização.

[6] De acordo com Gerda Lerner, "muito mais prejudicial do que a educação inferior oferecida às mulheres foi o sistema explicativo misógino que dominou a doutrina da Igreja e moldou as ideias de gênero na sociedade geral. As crenças na inferioridade das mulheres dadas por Deus e em sua posição subordinada na sociedade antecederam o Cristianismo, mas foram bastante elaboradas nos séculos depois do ano 300, quando a Igreja começou a se consolidar como instituição fortemente hierárquica dependente de um clero masculino" (LERNER, 2022, P.71).

Evidenciar a igualdade das almas de homens e mulheres, no entanto, não resolve o problema prático da atuação das mulheres nas atividades sociais e econômicas. Na sequência do texto, Pizan segue seu objetivo de defender as virtudes das mulheres dos ataques misóginos, expondo novas acusações. A narradora pergunta à Razão se "devemos acreditar no depoimento desses autores que defendem que as mulheres são, por natureza, gulosas e levadas pela gula" (PIZAN, 2012, p. 84). A impressão de que as mulheres são naturalmente gulosas possivelmente se relaciona ao fato de que as mulheres, não raro, passavam a maior parte da vida grávidas em um tempo de escassez. A resposta da Dama Razão (que assume um argumento análogo ao apresentado para defender as mulheres em relação à luxúria) vai se consolidando pela defesa das mulheres a partir de uma série de exemplos em que a misoginia assume a fragilidade do corpo feminino como pressuposto de um defeito moral.

De fato, a sequência do texto conduz a uma reflexão sobre a amplitude das fragilidades da natureza das mulheres ao mencionar "um autor que fala que as mulheres têm naturalmente um caráter fraco, assemelhando-se às crianças, por isso, então, as crianças gostam e apreciam tanto conversar com elas, e elas com as crianças" (PIZAN, 2012, p. 85). Aqui a função da Dama Razão é explicitar que a virtude do bom convívio e da capacidade própria de um adulto de cuidar de crianças foram perversamente compreendidos pelo tal autor pelo viés da fragilidade das mulheres. Nessa lógica perversa, o bom convívio e a capacidade de cuidar são percebidos como semelhanças àqueles que precisam de cuidados para sobreviver, o que diminui a mulher em suas capacidades sejam elas físicas, morais ou intelectuais, tomando-a como imatura simplesmente por executar bem a função de cuidar de crianças. O problema de partir da fragilidade do corpo feminino para assumir a inferioridade intelectual das mulheres é explicitado através da Razão: "não é pelo fato de as mulheres serem ignorantes que elas gostam das crianças; isto vem, pelo contrário de sua doçura natural. E se são como as crianças, em bondade, revelam nisso uma grande sensatez" (PIZAN, 2012, p. 86). Na passagem Pizan desloca o foco da suposta fragilidade para um conjunto de virtudes que, longe de indicar inferioridade, revelam qualidades morais elevadas. Novas virtudes são introduzidas ao conjunto que caracteriza natureza das mulheres: *doçura* e *bondade*. Elas claramente pressupõem outras de modo que *doçura, a paciência e a capacidade de cuidado*, associadas à convivência com as crianças, são apresentadas pela Dama Razão como sinais de *sensatez* e *bondade*, e não como indícios de imaturidade de qualquer espécie. Trata-se, portanto, de uma inversão crítica: aquilo que os autores misóginos tomavam como prova de fraqueza é reinterpretado como virtude ética e social, fundamental para a vida em comunidade. Ao reconhecer nessas disposições uma forma de sabedoria prática, Pizan retoma aspectos reconhecidos pela tradição misógina como tradicionalmente femininos. Ela, no entanto, os valoriza ao evidenciar sua relevância prática. Mais que isso, tal como procuramos mostrar aqui, ao reconhecer essas qualidades relacionadas ao cuidado como virtudes ela devolve seu leitor à ideia de que é necessário praticar ações que podem ou não ser consideradas virtuosas. Tais virtudes não dependem do sexo e sim das ações de quem as pratica.

Há no texto um movimento de afirmação de virtudes que são consideradas menores ou menos significativas pela tradição misógina simplesmente porque estão associadas a atividades desempenhadas por mulheres. Pizan introduz exemplos que reivindicam a nobreza e a importância dessas virtudes, evidenciando que as mulheres são capazes de contribuir socialmente não somente com essas virtudes, mas com muitas outras. Isso se torna mais evidente quando a autora introduz os exemplos históricos de mulheres virtuosas, que constituem a maior parte da *Cidade das Damas*. Ela escolhe inaugurar a "cidade" com mulheres governantes e guerreiras e, ao fazê-lo, parece promover a mesma inversão crítica que fez ao lidar com as virtudes femininas associadas às virtudes cristãs que normalmente pressupõem a submissão e o cerceamento das mulheres. Ela elege outros valores para a "cidade" e, desse modo, articula sua argumentação no sentido de forjar, em sua defesa das mulheres, valores apropriados ao reconhecimento de virtudes morais e intelectuais das mulheres. Além disso, a quantidade de mulheres virtuosas que aparece nos *exempla* parece ser parte constitutiva da argumentação da autora evidenciando que um número tão colossal de mulheres virtuosas não pode configurar uma exceção. Desse modo, a função desses exemplos não é meramente ilustrativa; eles reafirmam

a experiência de um número tão grande de mulheres virtuosas que torna impossível pensá-las como casos isolados ou como mulheres excepcionais. Eles comprovam que as mulheres não são avessas às virtudes e podem ser virtuosas. Elas podem aprender, podem adquirir virtudes, podem adquirir até mesmo virtudes socialmente não autorizadas às mulheres em um determinado contexto histórico. Tal como mulheres que nunca foram introduzidas às questões administrativas e financeiras da casa e da família até o falecimento do marido e muitas outras situações incluindo as mulheres guerreiras, as que deram contribuições à ciência, ou rainhas. Mulheres que passaram a vida (muitas vezes) alheias às habilidades que precisaram aprender repentinamente na ocasião da morte do homem da família que realizava tal atividade. Mesmo aprendendo às pressas e pela imposição das circunstâncias, boa parte dessas mulheres desempenharam essas atividades com excelência. Os *exempla* não deixam dúvidas quanto ao fato de que as mulheres são naturalmente capazes de adquirir a virtude através da ação[7]. Ao narrar a vida e as ações de mulheres que se destacaram ao longo da história, a autora desloca o foco da virtude enquanto disposição natural para a virtude enquanto excelência manifesta na ação. Esse movimento implica uma reconfiguração silenciosa, porém profunda, do próprio critério de avaliação moral. Os *exempla* evidenciam que as mulheres foram, ao longo da história, agentes racionais e virtuosos em múltiplos contextos atuando também na ciência, no governo, na guerra e nos mais variados contextos em que foram de alguma maneira autorizadas.

A partir desse reconhecimento das virtudes tradicionalmente negadas às mulheres, o texto nos permite refletir sobre uma distinção decisiva entre natureza e condição social. Se as mulheres parecem ignorantes aos olhos de certos autores, isso não decorre de uma incapacidade inata, mas das circunstâncias que lhes são impostas. Isso pode ser pensado a partir de passagens tal como a que aponta que as mulheres são excluídas do judiciário:

> Se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afim que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PIZAN, 2012, p. 92)

[7] Há quem argumente que os misóginos, supostamente, não discordam que as virtudes não são naturais e que são adquiridas por ação. Para tal, parte-se comumente do pressuposto de que a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles diz respeito a todos os seres humanos. Há de se refletir se uma ciência prática, a saber a ética e a política, que se realiza no âmbito público teria sido posta a todos os seres humanos ou proposta exclusivamente para os seres humanos autorizados a ocupar os espaços públicos. Sabemos que o espaço público na antiguidade é exclusividade dos homens. Nos textos em que Aristóteles se propõe a pensar as capacidades de homens e mulheres a misoginia é evidente. Embora reconheça que homens e mulheres pertencem à mesma espécie, Aristóteles sustenta que entre eles há uma desigualdade natural, o que se reflete em diferentes capacidades racionais, morais e políticas. Tal como observa Mel Ciqueira Santos, "embora homens e mulheres pertençam à mesma espécie, há entre eles uma desigualdade natural" (SANTOS, 2023, p. 13). Essa desigualdade é particularmente desenvolvida nos tratados biológicos, nos quais Aristóteles afirma que a mulher ocupa um lugar deficitário no processo de geração. No texto sobre a *Geração dos Animais* o filósofo caracteriza a fêmea como um "macho mutilado", atribuindo-lhe uma incapacidade natural de fornecer o princípio formal da geração. Tal concepção biológica fundamenta uma hierarquização metafísica que associa a mulher à matéria imperfeita e o homem ao princípio ativo e racional. No âmbito político, essa desigualdade natural é traduzida em termos de subordinação social. Seguindo o argumento de Santos, na Política, Aristóteles afirma explicitamente que a relação entre homem e mulher é, por natureza, assimétrica. A inferioridade feminina, assim, não aparece como contingente ou histórica, mas como estrutural e normativa. Além disso, a filosofia prática aristotélica associa essa inferioridade natural a uma incapacidade feminina para a prudência, virtude central para o exercício do governo e da deliberação racional. Como destaca Santos, no que diz respeito à prudência, os elementos da argumentação aristotélica "permitem a atribuição de uma certa debilidade natural das mulheres" (SANTOS, 2023, p. 16), o que implica, por consequência, limitações no plano racional, moral e político. Essa articulação entre natureza, razão, virtude e poder contribuiu decisivamente para a consolidação de um discurso misógino de longa duração na história da filosofia, contra o qual Christine de Pizan se insurge na *Cidade das Damas*.

A passagem evidencia que o que diferencia homens e mulheres no que diz respeito às suas habilidades intelectuais não é a natureza. De acordo com Pizan, a história está repleta de exemplos de mulheres que, quando autorizadas a atuar em áreas que demandam aprender ciências difíceis, o fizeram bem e algumas se destacaram. Essa constatação, comprovada no texto da autora pelos *exempla* nos leva a deduzir que a exclusão das mulheres dos espaços de ensino e de formação intelectual é a verdadeira causa de sua ignorância aparente. Ao serem privadas do mesmo acesso à educação concedido aos homens, elas não têm a oportunidade de desenvolver plenamente suas capacidades intelectuais[8]. Assim, Pizan desmonta o argumento da inferioridade das mulheres ao evidenciar que o saber não é distribuído segundo o sexo, mas segundo as condições de aprendizagem. A ignorância, nesse sentido, não é um traço natural das mulheres, mas o resultado direto de uma desigualdade educacional historicamente construída. Assim, ao atribuir a ignorância feminina à exclusão educacional, e não à natureza, Pizan desloca o debate do plano ontológico e biológico para o plano social e histórico, abrindo espaço para uma redefinição progressiva do que conta como virtude e excelência das mulheres.

Ao fazer esse deslocamento, Pizan desmonta um dos pilares centrais da tradição misógina: a ideia de que a inferioridade das mulheres decorre de sua constituição natural. Pizan mostra que, se as mulheres não demonstram o mesmo domínio das artes liberais, da filosofia ou da retórica, isso se deve ao fato de que lhes foi historicamente negada a oportunidade de aprender e, além disso, sempre lhes faltou espaços capazes de legitimar seus próprios conhecimentos. A desigualdade entre homens e mulheres, portanto, não é um dado da natureza, mas uma construção social reiterada por práticas educativas excludentes. Essa crítica à desigualdade educacional possui um alcance teórico significativo. Ao afirmar que as capacidades racionais são comuns a homens e mulheres, Pizan mais uma vez retira as mulheres do lugar de inferiorização. Assim, a educação emerge como elemento decisivo: não apenas como meio de instrução, mas como condição de possibilidade para o exercício pleno da virtude.

Dessa forma, a defesa da educação das mulheres na *Cidade das Damas* não aparece como uma reivindicação isolada ou elitista, mas como consequência lógica da argumentação que sustenta que a virtude não é determinada pelo sexo, e sim pela prática. Prática esta que pode demandar certa formação. Ao insistir que as mulheres são tão capazes de aprender quanto os homens se tivessem acesso às mesmas condições educativas que eles, Pizan antecipa uma crítica que se tornará central para a tradição feminista: a denúncia das desigualdades estruturais que produzem, e ao mesmo tempo justificam, a exclusão das mulheres do saber. Nesse sentido, ela inaugura um modo de pensar a diferença entre os sexos que não recorre à hierarquia naturalizada, mas à análise das instituições e das práticas sociais. A educação torna-se, assim, um eixo fundamental de sua crítica à misoginia e um dos pontos mais inovadores de sua contribuição à *Querelle des Femmes*. Ao mostrar que a inferioridade atribuída às mulheres não é natural, mas construída, Pizan não apenas defende as mulheres de seu tempo, mas lança as bases conceituais para que as próximas gerações de mulheres pudessem ousar falar por si mesmas e se aventurar em espaços antes inconcebíveis. Uma memória foi criada para que a luta por igualdade e liberdade permanecesse.

Considerações Finais

Pizan assume um posicionamento estratégico ao partir do senso comum, que no seu tempo, reproduz a moralidade cristã, para mostrar que mesmo nesse senso comum as mulheres podem ser virtuosas, mas não somente, pois, para ela, as mulheres podem praticar qualquer ação que seja concebida como de prestígio público. É nesse sentido que a autora recusa a concepção de que as mulheres são naturalmente más e inclinadas ao vício. Para evidenciá-lo ela precisou construir uma estratégia argumentativa e um

[8] Tratamos a questão da educação das mulheres em um artigo intitulado *Christine de Pizan: razão e a educação das mulheres na "Cidade das damas"*.

vocabulário próprios, distanciando-se radicalmente dos autores canônicos. Ela criou um repertório próprio (o que por si só já constitui um movimento de caráter feminista) para defender as mulheres seja quando suas virtudes coincidiam com as virtudes cristãs mais tradicionais, seja quando as mulheres atuaram em funções tipicamente masculinas e foram boas governantes ou guerreiras. Em ambos os casos Pizan inova ao atribuir valor às ações praticadas pelas mulheres e reconhecê-las como virtuosas. O ponto principal é que a virtude não é natural, ela é alcançada pela ação. Nesse sentido, não é possível falar em virtudes masculinas ou em virtudes femininas. A virtude é consequência das ações de cada homem e cada mulher. Se é possível vislumbrar com mais frequência mulheres virtuosas que se dedicam a cuidar de crianças, por exemplo, e não governando reinos, isso se deve muito mais às especificidades das atividades autorizadas às mulheres do que às suas virtudes. Nesse sentido, o problema que a filósofa expõe diz respeito ao fato de que não estava disponível uma tradição em que a ação de cuidar bem de crianças fosse reconhecida como uma virtude. Da mesma maneira, não está disponível em nenhuma tradição o espaço para que uma mulher possa ser governante. A educação pode trazer novas oportunidades para as mulheres, mas os novos espaços só podem ser abertos pelo âmbito da política.

Ao colocar a virtude em um lugar em que ela pode ser alcançada por ações de homens ou mulheres, a autora desfaz a ideia costumeira e autorizada pela tradição erudita da inferioridade das mulheres em relação aos homens. Ao fazê-lo, Pizan se torna alvo dos autores adeptos dessa tradição que passam a escrever em defesa dos argumentos atacados por ela. Essa disputa é o marco fundamental da *querelle des femmes* e marca o início de um longo período caracterizado pelo enfretamento de argumentos em torno da defesa ou ataque das mulheres. Embora muitos autores homens se prontificassem a escrever contra a argumentação de Pizan no intuito de defender a tradição, muitas mulheres assumem esse lugar da escrita. Se Pizan pode ser considerada a primeira mulher a se tornar uma escritora profissional, na esteira do seu trabalho muitas mulheres reconheceram em sua pena força argumentativa para expor suas próprias ideias, seus próprios argumentos, sua própria maneira de defender as mulheres dos ataques misóginos. Sua obra abre caminho para que outras mulheres reconheçam na escrita um instrumento de legitimação do próprio discurso e das próprias reivindicações, ou seja, um ato político.

Desse modo, a defesa das mulheres a partir do reconhecimento de suas virtudes constitui um passo decisivo para reivindicações mais amplas. Ao rechaçar a ideia de inferioridade moral e racional entre os sexos, Pizan estabelece as bases conceituais a partir das quais se torna possível pensar a legitimidade de direitos políticos para as mulheres. Dizendo de outro modo, defender as mulheres pelo reconhecimento e afirmação de suas virtudes é um primeiro passo para a defesa de direitos políticos para as mulheres. A virtude, entendida como excelência na ação e não como atributo natural, torna-se, assim, o fundamento filosófico de uma crítica duradoura às hierarquias entre os sexos e de uma tradição intelectual que, a partir de Pizan, não poderia mais ignorar a voz das mulheres sem ser questionada – ainda que muitas vezes esse enfrentamento tenha sido apagado da história[9].

Ao cumprir seu objetivo de evidenciar que as mulheres não são necessariamente más e inclinadas ao vício, mas podem sim ser virtuosas, Pizan não apenas desmonta a ideia tradicional da inferioridade das mulheres, mas inaugura um novo campo de disputa intelectual. É justamente esse deslocamento – da natureza para a ação, da essência para a prática, do sexo para a educação – que constitui o núcleo do debate que viria a ser conhecido como a *Querelle des Femmes*[10]. A partir de Pizan, a questão da virtude das mulheres deixa

[9] É importante destacar que mesmo as mulheres que foram educadas e conseguiram escrever foram sistematicamente apagadas ao longo da história. As que se destacaram e não deixaram nada escrito formam apagadas mais rapidamente. Cf. PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros.*

[10] Dentre tantos estudos relevantes sobre a *querelle des femmes* destacamos o de Marguerite DESLAURIERS (2022) que relaciona a disputa à história de uma filosofia feminista e o de Luciana Calado DEPLAGNE (2021) que escreveu um verbete procurando mapear o tema em português.

de ser um problema secundário ou moralizante e passa a ocupar o centro de uma controvérsia filosófica, histórica e política de longa duração, na qual se confrontam diferentes concepções de razão, autoridade e dignidade humana. Nesse sentido, a *Cidade das Damas* pode ser lida como um texto fundador de uma tradição argumentativa que atravessa os séculos XV, XVI e XVII[11]. A disputa inaugurada por Pizan estabelece os termos nos quais a condição das mulheres passa a ser discutida. É essa inflexão que permitirá que, ao longo da *Querelle des Femmes*, a escrita se torne um espaço privilegiado de resistência, no qual mulheres passam a reivindicar para si não apenas a virtude moral, mas também a autoridade intelectual.

Por fim, o legado histórico da *Querelle des Femmes* manifesta-se, portanto, na consolidação de uma tradição de mulheres filósofas que encontra em Christine de Pizan seu ponto de partida[12]. Ao afirmar que as mulheres são capazes de virtude por meio da ação e de razão tanto quanto os homens, Pizan oferece às autoras que a sucedem um repertório conceitual e retórico que legitima sua entrada no campo das letras, da filosofia e do debate público. A partir desse gesto inaugural, pejorativamente considerado como *apenas* um movimento reativo de resposta à misoginia – o que já seria bastante e louvável – o ato de defender as mulheres passa a ser compreendido na sua real natureza de construção positiva de uma história intelectual das mulheres, na qual a escrita se converte em forma de ação virtuosa. Assim, a *Querelle des Femmes* pode ser compreendida como o desdobramento histórico da tese central de Pizan: a virtude não pertence a um sexo, mas é fruto da ação e das condições que a tornam possível. Ao colocar em circulação essa ideia, Christine de Pizan não apenas devolve dignidade às mulheres de seu tempo, mas inaugura uma tradição crítica que continuará a questionar, ao longo dos séculos, as hierarquias entre os sexos sustentadas pela suposta autoridade da natureza. O reconhecimento das virtudes das mulheres torna-se, desse modo, o primeiro passo de um processo histórico mais amplo, no qual a recusa da inferioridade moral e intelectual das mulheres abre caminho para a formulação progressiva de direitos políticos e de novas formas de participação das mulheres na vida intelectual, social e política.

Referências bibliográficas

BENEVENUTO, F. Mulheres nas sombras da filosofia do Renascimento e alguns lampejos de resistência. *In*: *Prometheus – Journal of Philosophy,* n. 46, p.01-22, 2024.

BENEVENUTO, F. Christine de Pizan: razão e a educação das mulheres na "Cidade das damas". *Perspectiva Filosófica*, v.48, n.2, p.43-68, 2021.

BENEVENUTO, F. Arcangela Tarabotti: Igualdade entre os sexos e o problema da liberdade das mulheres. *In*: *Kalagatos: Revista de Filosofia*, n.22, v.3, p. 01-21, 2025.

DEPLAGNE, L.C. 2021. *Querelles des Femmes: Mapeamento em Português* (online). Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres de Filosofia, V.& N.2, p. 28-42. https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/10/PDF-Querelle-des-Femmes-Luciana-Calado-2.pdf (acesso em 11/01/2025)

[11] Investigamos a escrita das mulheres nesse período em um artigo intitulado: *Mulheres nas sombras da filosofia do Renascimento e alguns lampejos de resistência*.

[12] Especificamente sobre as mulheres filósofas no Renascimento Italiano Natália Tavares vem investigando o pensamento de Laura Cereta e publicou dois artigos sobre ela. Respectivamente, *Laura Cereta: em defesa de uma "República das Mulheres"; Laura Cereta: uma mulher na República das Letras no Renascimento Italiano*. Bruna Ribeiro Martins vem se dedicando ao pensamento de Isotta Nogarola e publicou o artigo *Figuras do Silêncio em Isotta Nogarola: Como calar (uu não) uma Mulher na Itália do Século XV*. Nosso trabalho mais recente foi dedicado ao pensamento de Arcangela Tarabotti, intitulado *Arcangela Tarabotti: Igualdade entre os sexos e o problema da liberdade das mulheres.*

DESLAURIERS, M. La Querelle des Femmes et l'histoire de la philosophie féministe. *In: Dix-septième siècle* v3 n° 296, p 451 à 468, 2022.

KELLY, J. Early Feminist Theory and the "Querelle des Femmes", 1400-1789. *Signs*, v.8, n.1, p. 4- 28, 1982.

KING, M. *Women of the Renaissance*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

LERNER, G. *A Criação da Consciência Feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do passado patriarcal*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

MARTINS, B. Figuras do Silêncio em Isotta Nogarola: Como calar (uu não) uma Mulher na Itália do Século XV. *In*: *Kalagatos: Revista de Filosofia*, n.22, v.3, p. 01-11, 2025.

PERROT, M. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros.* São Paulo - Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, M. C. 2024. *Christine de Pizan com e contra Aristóteles*. Campinas, SP. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). UNICAMP.

SCHMIDT, Ana Rieger. "Christine de Pizan". *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia,* v.6, n.3, 2020. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-depizan/. Acesso em 15/12/2026.

TAVARES, Natália. Laura Cereta: em defesa de uma "República das Mulheres". *Prometheus – Journal of Philosophy*, v. 16, n.46, p.23-38, 2024a.

TAVARES, Natália. Laura Cereta: uma mulher na República das Letras no Renascimento Italiano. *Revista Sísifo*, Feira de Santana, v. único, n.18, p.105-119, 2024b.